

AS LUTAS POR MORADIA NA MÍDIA INDEPENDENTE DE FLORIANÓPOLIS-SC

Míriam Santini de Abreu

INTRODUÇÃO

Episódios importantes das lutas por moradia em Santa Catarina foram e são contados por um conjunto bastante variado de iniciativas de comunicação/jornalismo. Identifica-se neste artigo parte destas iniciativas – totalizando 11 – dos anos 1980 até a atualidade, na região de Florianópolis/SC, buscando abrir caminhos às pesquisas que aprofundem a análise dos materiais aqui apresentados. As iniciativas listadas são da chamada mídia independente – sem desconhecer o fato de que a mídia tradicional também aborda as lutas, ainda que de forma eventual e, de regra, criminalizando seus protagonistas – e de organizações à frente das lutas por moradia no estado.

A designação mídia tradicional, também conhecida como convencional, faz referência a grupos e a empresas controladores do setor no Brasil. Sobre a mídia independente, há inúmeras investigações em pesquisas sobre o tema, sendo uma delas o trabalho de M. Silva (2017), que mapeia 30 iniciativas criadas entre 2013 e 2015 no Brasil, por ela denominadas novas experiências de jornalismo. Segundo a autora, as expressões geralmente aplicadas a esse tipo de iniciativa – jornalismo independente, jornalismo alternativo, mídia radical, mídia contra-hegemônica – não dão conta de toda a variedade de propostas que compõem tais iniciativas.

Este artigo toma o papel da mídia tradicional-hegemônica como o de manutenção da ordem social e, em contrapartida, o da mídia independente-alternativa-contra-hegemônica como o de crítica a esta ordem para a construção de outro modo de organização social. Fragoso (2019), que estudou a comunicação produzida nos movimentos de ocupação urbana que têm como bandeira a luta pela moradia, afirma que tal produção está diretamente relacionada à formação política dos grupos à frente delas:

Distribuída entre variadas plataformas e suportes, os produtos de comunicação estão presentes nas camisetas, nas faixas, na promoção de eventos das ocupações, na escolha de seus nomes, e também em veículos formais de representação como os jornais impressos. A comunicação desponta como um instrumento que conta a história das ocupações, divulga suas conquistas ou pede socorro em momentos de instabilidade. (FRAGOSO, 2019, p. 140).

A autora observa que a comunicação é produzida a partir do surgimento de demandas. Ela denomina "período emergencial" aquele que demanda a comunicação como instrumento de divulgação de urgências do grupo, como ameaças de despejo e a necessidade de doações, e de "período planejado" aquele não qual os projetos de comunicação buscam estratégias de manutenção da memória coletiva (FRAGOSO, 2019, p. 141). Ela também identifica duas vertentes: a comunicação interna e a comunicação externa. A primeira "tem caráter local e é feita por meio de panfletos, jornais, redes sociais e mensagens de celular" (FRAGOSO, 2019, p. 142). A segunda é produzida para

apresentar a trajetória de famílias que compõem as ocupações e o histórico da organização ao público em geral: “É um cartão de apresentação da organização política, que detalha seu método de trabalho, de forma didática, com objetivo de formar militantes e apresentar o posicionamento do MTST” (FRAGOSO, 2019, p. 142). A sigla MTST se refere ao Movimento dos Trabalhadores Sem Teto, organização que, assim como as Brigadas Populares, reivindica a reforma urbana e foi estudada pela autora.

Em Florianópolis, as iniciativas localizadas, listadas na Tabela 1, movem-se entre os dois períodos e as duas vertentes, seja naquelas da mídia independente ou nas de responsabilidade de organizações políticas à frente das ocupações. Elas incluem: jornais impressos; revistas impressas; sites; blogs; perfis em redes sociais como o YouTube, o Facebook e o Instagram. Além disso, podem: 1) tratar exclusivamente de lutas por moradia ou 2) tratar de lutas por moradia como parte de outras temáticas abordadas. Cabe ressaltar ainda que as iniciativas não se movem necessariamente pelos preceitos que regem as práticas jornalísticas, adotando formatos variados que nem sempre se enquadram nos gêneros jornalísticos consagrados na literatura. Mas o entendimento é que, de um modo ou de outro, foram e são iniciativas importantes para abordar o tema e mobilizar para sua importância e necessária visibilidade. Uma análise detalhada da cobertura de três veículos (*Revista Pobres & Nojentas*, *Portal Desacato* e *Coletivo Maruim*) sobre duas ocupações (Ocupação Amarildo de Souza e Ocupação Marielle Franco) pode ser vista em Abreu (2019).

Tabela 1 - Iniciativas da mídia independente de Florianópolis sobre lutas por moradia em Santa Catarina

1-Jornal das Comunidades (impresso)
2-Jornal Garapuvu (impresso)
3-Site Contestado Vive (site – contestadovive.milharal.org)
4-Gazeta da Ocupação Amarildo (impresso)
5-Revista Pobres & Nojentas (impresso, redes sociais e blog - pobresnojentas.blogspot.com)
6-Coletivo Maruim (site e redes sociais) – site desativado
7-Portal Desacato (site e redes sociais – desacato.info)
8-Portal Catarinas (site e redes sociais – catarinas.info)
9-Blog Palavras Insurgentes (blog – eteia.blogspot.com)
10-Perfil Memórias da luta por moradia (rede social – instagram.com/memorias_moradia/)
11-Observatório de comunidades e Periferias de Santa Catarina SC (site e rede sociais – ocupasc.org)

Fonte: Organização da autora, 2024.

INICIATIVAS DE MÍDIA INDEPENDENTE EM FLORIANÓPOLIS-SC

Jornal das Comunidades

Em junho de 1983, o número 1 do jornal de Florianópolis *Lutas da Maioria*, que, no Expediente, apresentava-se como editado por jornalistas independentes, trazia na capa a seguinte manchete: “BNH: casa própria sobe 130% e ninguém pode pagar”. A reportagem da página central, com diversas entrevistas, denunciava o abuso do reajuste e a dificuldade dos mutuários para pagar as prestações (LUTAS DA MAIORIA, jun. 1983). Ao longo daquela década, a luta nacional pela reforma urbana que o país vivia tomou corpo em Florianópolis.

Em 14 de setembro de 1984, cerca de 40 pessoas acamparam na frente do Palácio do Governo de Santa Catarina, exigindo o direito à moradia em uma articulação que, pela primeira vez, visibilizou os sem-teto estadualmente como movimento. Na edição daquele dia, a notícia sobre a ocupação recebeu, no jornal *O Estado*, o título “Grupo de desempregados vai ao Palácio pedir auxílio”. O texto, em sua condição de registro inaugural de um movimento então recém-iniciado, realçava aspectos daquele período histórico como a condição de ex-lavradores dos ocupantes e suas reivindicações, estreitamente relacionadas à impossibilidade do viver cotidiano:

Desesperados e revoltados com sua situação, um grupo de 20 pessoas foi, ontem pela manhã, até o Palácio do Governo pedir ajuda ao Governador Esperidião Amin. São ex-lavradores vindos do interior do Estado que não têm casa, emprego e alimentos, e que no fim do seu êxodo não encontraram maneira de sobreviver na Capital.

[...]

Não encontrando emprego na Capital (...), estas famílias levaram uma série de reivindicações ao Governador: um lugar para morar; um pouco de madeira para construir seus barracos (...); emprego na Comcap, Prefeitura ou DNER ou qualquer outro lugar; escola para crianças; assistência médica e alimentação para recomeçar a vida.

[...]

O Chefe da Casa Civil mostrou-se surpreso com a lista de pedidos afirmando que “o Governo não pode resolver seus problemas. Ajudamos vocês, mas amanhã vêm outras pessoas pedindo casa e comida. O que eu posso fazer é encaminhá-los à Secretaria de Desenvolvimento Social para serem cadastrados para que encontre uma solução. “Explicou ainda que a reivindicação é difícil de atender, pois afinal, é um exagero querer escola, assistência médica e casas. Nós não temos condições de dar nada disso. Vocês não deveria (sic) ter saído de onde moravam sem emprego certo e casas. Por isso acho que agora o problema é de vocês”. Nesse instante, Assis Filho [Chefe da Casa Civil] foi ajudado pelo Chefe da Casa Militar, Coronel Saulo Nunes de Souza que afirmou: “Vocês não estão sendo orientados pelos padres, então mandem a Igreja dividir suas terras. Vão pedir um lugar nas terras do Bispo de Chapecó, Dom José Gomes porque o Estado não tem.

[...] (GRUPO... *O Estado*, 14 set. 1983, p. 2). [Uso das aspas como no original]

Seis anos depois, em julho de 1990, o movimento coordenou a primeira ocupação organizada de terras na capital catarinense, em um terreno público às margens da Via

Expressa – ligação rodoviária entre a BR-101 e a Ilha – onde hoje se situa o bairro Monte Cristo, na porção continental de Florianópolis, que foi chamada de Ocupação Novo Horizonte.

Aquela ocupação histórica de 1990 teve, além da cobertura da mídia tradicional, a atenção de um veículo importante naquele período, o *Jornal das Comunidades*, que enfatizou, em chamada de capa, sob a manchete "OCUPAÇÃO", a ideia de resistência e de luta por terra e moradia:

Cem famílias sem terra, sem teto e sem medo escreveram um pedaço de História, com as próprias mãos, na madrugada fria de 28 para 29 de julho. Ocuparam um terreno baldio da Cohab, no Pasto do Gado às margens da Via Expressa, em Florianópolis. Foi a primeira ocupação organizada de áreas urbanas de Santa Catarina. E eles querem fincar pé naquela terra.

- Somos nós que construímos esta cidade, mas até agora não nos deram o direito de morar dignamente. Por isso, decidimos: OCUPAR, RESISTIR E CONSTRUIR. A ocupação é a última saída para os 40 mil sem-teto da Capital, que vivem no sufoco do aluguel, no aperto dos cortiços e sob a ameaça dos despejos (OCUPAÇÃO, jul./ago. 1990, p. 1).

Do *Jornal das Comunidades*, publicação da então Coordenação da Comissão de Associações de Moradores de Florianópolis, foram encontradas oito edições impressas entre maio de 1989 e dezembro de 1990. A tiragem era de 3 mil exemplares distribuídos em comunidades do Maciço do Morro da Cruz, no centro da capital, e em bairros onde havia ocupações de famílias de baixa renda.

Jornal Garapuvu

O *Jornal Garapuvu* era de iniciativa do Fórum das Comunidades do Maciço do Morro da Cruz, criado, segundo Araujo:

com a intenção de unificar as comunidades da encosta do Maciço Central de Florianópolis. Seu objetivo era buscar a proposição e implementação de políticas públicas para garantir a aplicação dos direitos sociais básicos e qualidade de vida dos moradores (ARAUJO, 2020, p. 44).

Segundo a autora, a produção do jornal contava com o auxílio de colaboradores, sem custos para o fórum, mas, diante da falta de estrutura e de disponibilidade financeira, apenas três edições do jornal foram publicadas (ARAUJO, 2020, p. 47).

Site Contestado Vive

O site foi atualizado entre 6 de novembro de 2012 e 29 de abril de 2013, constituindo-se, hoje, como repositório virtual da luta por moradia da Ocupação Contestado, em São José/SC. Desde a constituição da ocupação, em novembro de 2012, a organização Brigadas Populares esteve à frente da divulgação de um diversificado material de comunicação como jornais, panfletos, cartazes, fotos e publicações nas redes sociais.

Gazeta da Ocupação Amarildo

A *Gazeta da Ocupação Amarildo* teve duas edições: a primeira, com 5 mil e a segunda com 10 mil exemplares, analisadas por Costa e Flores (2015). A Ocupação Amarildo de Souza ocorreu em dezembro de 2013, em um terreno de cerca de 900 hectares, às margens da SC-401, principal rodovia para o Norte da Ilha, e a cinco quilômetros de um dos bairros mais valorizados do país, Jurerê Internacional. Cabe assinalar que, ao contrário do que ocorreu nos anos 1990, nas primeiras ocupações no bairro Monte Cristo, onde as famílias conseguiram concretizar o direito à moradia, as famílias da Ocupação Amarildo de Souza se dispersaram após intensa repressão pela via policial, judicial e midiática. As poucas que permaneceram foram para uma área rural no município de Águas Mornas, na Região Metropolitana de Florianópolis, distante cerca de 50 quilômetros da capital, constituindo, hoje, o Assentamento Comuna Amarildo de Souza.

Além do jornal impresso, a ocupação se comunicava com a população através de vídeos e postagens no YouTube e Facebook: (<https://www.youtube.com/@ocupacaoamarildo5012> e <https://www.facebook.com/comunaamarildo>).

Revista Pobres & Nojentas

A revista *Pobres & Nojentas* (P&N) circulou sob a forma impressa entre 2006 e 2013, em formato 23,5 x 21 cm, com 28 páginas (incluindo a capa e contracapa), com 30 edições feitas de forma voluntária por um grupo de jornalistas, mantendo-se atualmente em blog criado em agosto de 2007, com o mesmo nome, e em perfil no Facebook e no Instagram.

Uma marca importante da revista *Pobres & Nojentas* foi deixar o espaço emergir nas reportagens, ligando o fato ao lugar onde ele brota, lugar esse que modifica e é modificado pelas pessoas que nele vivem. As reportagens da jornalista Marcela Cornelli, que já comparece no número 2 (julho de 2006), vão nesta direção, abordando, entre outras, a ocupação da Ponta do Leal, no Continente, da Panaia, no Sul da Ilha, e da Vila do Arvoredo, no Norte da Ilha.

No número 6 (março/abril de 2007), na reportagem intitulada “Chica das Chagas”, Marcela contou a história de Francisca das Chagas dos Santos, que fez parte da primeira ocupação urbana organizada de terras na capital catarinense, em julho de 1990, em um terreno público às margens da Via Expressa – ligação rodoviária entre a BR-101 e a Ilha – onde hoje está o bairro Monte Cristo, a já citada Ocupação Novo Horizonte. A ocupação completou 30 anos em 2020. Sob o título “As mulheres da Chico”, no número 13 (maio/junho de 2008), Marcela falou sobre o projeto de seis mulheres moradoras do mesmo bairro – Catarina Francisca de Souza, Daniele Braga Silveira, Janete Osvaldina Marques, Lídia Almeida, Maria do Carmo Apolinário e Jussara Fátima dos Santos, a Sara – que desejavam escrever um livro sobre sua vida, inspiradas pela obra “Mulheres de Cabul”, de Harriet Logan. A iniciativa tinha o apoio da educadora Sandra Cochemore

Ribes, da assistente social Vanessa Flores, da fotógrafa Sônia Vill e da equipe da Casa Chico Mendes, organização não-governamental da comunidade. Com o apoio da equipe da *Pobres*, da Letra Editorial e do Sindicato dos Trabalhadores da UFSC (SINTUFSC), o livro foi lançado em 1º de dezembro de 2008 no saguão da Reitoria da UFSC (TAVARES; ABREU, 2020).

Já o número 23 (maio/junho de 2010) trouxe o perfil de Antônio Joel de Paula, também morador do bairro Monte Cristo, em texto de Marcela intitulado “Eis que surge um Novo Horizonte”. Em março de 2013, foi publicado, com o apoio da revista, o livro “Seu Antônio - Antônio Joel de Paula - a História de um Líder”, organizado e editado por Sandra Cochemore Ribes e diagramado por Marcela.

Coletivo Maruim

O Coletivo Maruim surgiu em 2014 e, em 2016, consolidou uma associação para possibilitar o sustento financeiro de suas produções, predominantemente divulgadas em site próprio, hoje desativado. Continuam ativas, ainda que sem atualização, as contas no Youtube, Facebook e Instagram: <https://www.youtube.com/coletivomaruim>; <https://www.facebook.com/midiamaruim>; <https://www.instagram.com/maruimjornalismo>.

No auge de atuação, entre 2014 e 2016, o coletivo Maruim divulgou uma série de importantes reportagens sobre conflitos no (pelo) espaço urbano de Florianópolis, parte delas produzidas como Trabalhos de Conclusão de Curso de jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Portal Desacato

O portal Desacato foi fundado em 25 de agosto de 2007, com formato de revista virtual, completando 16 anos de existência em 2023. Ao longo do tempo, o portal passou a publicar charges, noticiários em TV web e rádio web, vídeos, documentários e projetos multimídia. Em 9 de dezembro de 2011, com a evolução do projeto, foi fundada a Cooperativa Comunicacional Sul (CCS), legalizada em 3 de março de 2017, integrada atualmente por jornalistas e comunicadores em Florianópolis. O carro-chefe do portal é o site. O portal tem divulgado, desde sua fundação, as lutas por moradia. Cita-se, como exemplo, a divulgação da luta da Ocupação Amarildo de Souza, entre 2013 e 2014, sobre a qual foram localizados 23 textos. No site, os resultados de busca pela palavra "moradia" totalizaram 189 páginas em agosto de 2024.

Portal Catarinas

O portal Catarinas nasceu de um coletivo de mulheres com base em financiamento colaborativo em 2016, sendo o primeiro portal feminista de Santa Catarina, produzindo conteúdo jornalístico especializado no tema (GUIMARÃES, 2020). Uma série de parcerias com outros veículos de comunicação possibilitou ao portal produzir reportagens de repercussão nacional e internacional. No site, os resultados de busca pela palavra

“ocupação” mostram reportagens, por exemplo, sobre as ocupações Anita Garibaldi e Fabiano de Cristo, em Florianópolis, e Contestado, em São José.

Blog Palavras Insurgentes

O blog Palavras Insurgentes, da jornalista Elaine Tavares, teve a primeira postagem em 4 de outubro de 2007. Foi uma atualização do blog Jornalismo Amoroso e de Libertação, criado em 2004, dentro do sítio "Comunique-se". Quando o Comunique-se extinguiu os blogues, ela migrou para o Blogspot, onde iniciou o Palavras Insurgentes, tendo como foco principal a luta dos trabalhadores e a discussão sobre a cidade. Nesse tema, a moradia e todo o processo de ocupações foram, sistematicamente, narrados através de notícias e reportagens em texto e vídeo.

Perfil Memórias da luta por moradia

O perfil no Instagram tem registradas 49 publicações e contava com 141 seguidores em 19 de agosto de 2024. Integra o projeto "Memórias das Periferias: registro e memórias da luta por moradia em Florianópolis/SC", do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (Faed/Udesc).

Observatório de Comunidades e Periferias de Santa Catarina

O Observatório, no Instagram, tem 430 publicações, contando com 3.443 seguidores em agosto de 2024. Ele surgiu de uma ideia da organização Brigadas Populares de ter um dispositivo de comunicação, divulgação e amplificação das lutas urbanas e por terra em Santa Catarina. O site foi lançado no final de 2023. O Observatório funciona com produção de informações próprias e compartilhamento de notícias de interesse a partir de quatro eixos:

- 1) eixo de ação política e incidência (denúncias);
- 2) eixo de solidariedade (vaquinhas e campanhas de arrecadação para atividades em datas específicas);
- 3) eixo de memória (como se constituíram as ocupações e seus protagonistas);
- 4) eixo de dados e informações (textos que contextualizam as lutas e contrapõem o discurso hegemônico que criminaliza as ocupações).

Além das iniciativas aqui listadas, as ocupações em Florianópolis e região usam um conjunto de faixas, cartazes, bandeiras e fazem postagens em perfis nas redes sociais e articulação em grupos de mensagens instantâneas para ampliar a comunicação. Há ainda iniciativas como a do Pintelute, um coletivo de Muralismo Militante que busca apoiar visualmente os movimentos populares (<https://www.facebook.com/pintelute>).

Das onze iniciativas apresentadas, cinco continuam em atividade, ou seja, atualizam conteúdos: *Pobres & Nojentas*, Portal Desacato, Portal Catarinas, blog Palavras Insurgentes e Observatório de Comunidades e Periferias de Santa Catarina. Das cinco,

apenas o Observatório de Comunidades e Periferias de Santa Catarina dedica-se exclusivamente ao tema com atualização frequente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As iniciativas identificadas que visibilizaram e visibilizam as lutas por moradia em Santa Catarina, dos anos 1980 até a atualidade, movendo-se entre os dois períodos (emergencial e planejado) e as duas vertentes (comunicação interna e externa) apontadas por Fragoso, seja naquelas de mídia independente ou nas de responsabilidade de organizações políticas à frente das ocupações, permitem as seguintes considerações:

- mesmo as iniciativas sem periodicidade, como jornais eventuais ou sites construídos em períodos emergenciais de luta por moradia sem atualização posterior, visibilizam as causas das ocupações a partir do relato de seus protagonistas, contrapondo notícias, reportagens, editoriais e colunas da mídia tradicional que, em regra, criminaliza essas lutas;
- o conjunto de iniciativas permite às organizações, lideranças e protagonistas das lutas por moradia dialogar com a população para, no período emergencial, buscar apoio a manifestações para pressão sobre órgãos públicos, campanhas financeiras e denúncias;
- o conjunto de iniciativas constitui um rico acervo da memória das lutas por moradia em Santa Catarina, podendo ser utilizado para pesquisas que analisem os materiais e os comparem às coberturas da mídia tradicional sobre a temática em geral ou sobre as diferentes ocupações urbanas no estado;
- das iniciativas atualmente ativas, o destaque é o Observatório de Comunidades e Periferias de Santa Catarina, da organização Brigadas Populares, em site e na rede social Instagram que, mesmo não adotando necessariamente os preceitos que regem as teorias e práticas jornalísticas, tem produção expressiva e atualizada sobre as ocupações no estado, demandando estudo específico que aponte alternativas para ampliar a produção de material e expandir suas possibilidades de divulgação.

É importante, em uma perspectiva estadual e nacional, a formação de redes de mídia a partir das ocupações e suas entidades de apoio, fortalecendo a organização e a luta dos movimentos sociais por moradia. A mídia independente é instrumento fundamental de amplificação das demandas, de denúncia das opressões e de registro da memória e da resistência, levando à população temas invisibilizados ou distorcidos na mídia tradicional, buscando, assim, quebrar a cadeia de bloqueio da vida, da luta e das narrativas dos moradores das periferias catarinenses.

REFERÊNCIAS

ABREU, Míriam Santini de. **Espaço e cotidiano no jornalismo: crítica da cobertura da imprensa sobre ocupações urbanas em Florianópolis**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis/SC, 2019. Disponível em: <https://tede.ufsc.br/teses/PJOR0134-T.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

ARAÚJO, Ana Claudia Rocha. No Monte Serrat, onde nasce o guarapuvu. In: ABREU, Míriam Santini de (org.). **A rebelião do vivido no jornalismo independente de Florianópolis**. Florianópolis, SC: Letra Editorial; Pobres & Nojentas, 2020, p. 43-52.

COSTA, Bianca Queda; FLORES, Giovanna Benedetto. Somos todos amarelo: o discurso jornalístico do Diário Catarinense e da Gazeta da Ocupação. **Revista Científica Ciência em Curso**, [S.l.], v. 4, n. 2, p. p. 97-108, dez. 2015.

FRAGOSO, Mariana Pitasse. A comunicação nos movimentos de ocupação urbana: entre memória e reconhecimento. **Revista Passagens**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará. V. 10. n. 1. 2019. p.138-153. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/47286/1/2019_art_mpfragoso.pdf. Acesso em: 19 ago. 2024.

GRUPO de desempregados vai ao palácio pedir auxílio. **O Estado**. Florianópolis (SC), 14 set. 1984, p. 2.

GUIMARÃES, Paula. Portal Catarinas - jornalismo feminista com perspectiva de gênero. In: ABREU, Míriam Santini de (org.). **A rebelião do vivido no jornalismo independente de Florianópolis**. Florianópolis, SC: Letra Editorial; Pobres & Nojentas, 2020, p. 103-113.

LUTAS DA MAIORIA. Florianópolis (SC), jun. 1983. Disponível em: <http://hemeroteca.ciasc.sc.gov.br/jornais/LUTAS%20DA%20MAIORIA/LDM1983001.pdf>. Acesso em: 19 ago. 2024.

OCUPAÇÃO. **Jornal das Comunidades**. Florianópolis/SC, jul./ago. 1990, nº 6, p. 1.

SILVA, Mariana da Rosa. **Tensões entre o alternativo e o convencional: organização e financiamento nas novas experiências de jornalismo no Brasil**. (Dissertação) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo - Universidade Federal de Santa Catarina. Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185627>. Acesso em: 18 ago. 2024.

TAVARES, Elaine; ABREU, Míriam Santini de. Pobres & Nojentas, uma revista de classe. In: ABREU, Míriam Santini de (org.). **A rebelião do vivido no jornalismo independente de Florianópolis**. Florianópolis, SC: Letra Editorial; Pobres & Nojentas, 2020, p. 61-70.

Minibiografia da autora

Míriam Santini de Abreu

Jornalista e doutora em Jornalismo (UFSC, 2019), mestre em Geografia (UFSC, 2003) e especialista em Educação e Meio Ambiente (UDESC, 2001). Autora do livro "Quando a palavra sustenta a farsa: o discurso jornalístico do desenvolvimento sustentável" (EdUFSC, 2006) e organizadora do livro "A rebelião do vivido no jornalismo independente de Florianópolis" (Letra Editorial; Pobres & Nojentas, 2020).